

DAVID GRIMES, o professor rui-vo que era chefe do programa de violão clássico em Fullerton, na Universidade Estadual da Califórnia, aguardava as audições do dia com a ansiedade de uma criança. Os novos alunos de violão iam tocar pela primeira vez. Era uma oportunidade para identificar algum talento de verdade entre os recém-chegados naquele outono, em 1993.

Apenas uma coisa o preocupava. Um dos novos alunos, vietnamita, era cego, e havia pouca música clássica para violão em braile. Como poderia acompanhar a turma se não tivesse acesso ao material?

Um por um, os alunos tocaram. Então chegou a vez do aluno cego. Com 1,80m de altura e pesando 43 quilos, Dat Nguyen, de 22 anos, parecia uma criança.

– O que você vai tocar hoje? – perguntou Grimes.

– “Capricho Árabe” – respondeu Dat –, de Tárrega.

Uma peça linda, pensou Grimes. Será que ele vai lhe fazer justiça?

Dat sentou-se para tocar, acariciando seu violão barato enquanto arrancava dele uma beleza extraordinária. Grimes ficou pasmo.

A técnica de Dat era um pouco primária, mas seu fraseado mostrava uma compreensão íntima do material. O que mais impressionou Grimes foi a força, a emoção. *Pelo que teria passado aquele rapaz para provocar uma tal paixão?*, perguntou-se Grimes.

– VAGENS FRESCAS AQUI! – gritava a

vendedora para o povo, da sua barraca no mercado em Saigon. – Venham comprar minhas deliciosas vagens colhidas hoje de manhã.

Quando um menino pequeno, de olhos vazios, se virou na direção da voz dela, a mulher resmungou.

– Dê o fora. – Não tenho nada para você.

Sozinhos numa terra devastada pela guerra, os jovens irmãos descobririam uma dádiva inesperada

A música

ANITA BARTHOLOMEW

O menino era Dat, que afagou a mão da irmãzinha.

– Não ligue, Dung – disse ele. – Nós hoje vamos encontrar gente boa que vai nos ajudar.

Dat, aos 11 anos, estava acostumado a consolar a irmã – aliás, meia-irmã – quando eles eram maltratados. Mas, nesse dia, o menino não conseguiu consolar algum. A vendedora via Dat como ele via a si mesmo, um pária tríplice: cego, de origem asiática e mendigo.

Dat e Dung (pronuncia-se *Yung*) moravam sozinhos em Saigon. Naquela ocasião, pequenos vagabundos como eles não eram raros no Vietnã.

A guerra deixara muitas crianças órfãs ou abandonadas, especialmente as descendentes de americanos e asiá-



ticos. O pai de Dat, militar americano, voltara para os Estados Unidos em 1973. O pai de Dung, vietnamita, tinha desaparecido em 1975. Quando a mãe deles, vietnamita, morreu nesse mesmo ano, foram internados num orfanato, que foi fechado depois que os comunistas passaram por lá.

Os dois foram recolhidos por uma mulher que os fazia trabalhar como escravos. Fugiram em 1977. Dat e Dung vagaram pelo interior durante dois anos até chegar a Saigon.

Após algum tempo, conheceram um homem que lhes deu bilhetes de loteria para vender, por pequena comissão. Mas pouco sobrava depois que pagavam a comida, de modo que dormiam nos gramados ou nos becos.

O local preferido por Dat para vender os bilhetes era a barbearia local. Uma das coisas de que ele mais gostava na loja era o rádio que tocava canções americanas aos berros.

“Tenho uma negra mágica...” A letra em inglês que Dat cantava não significava nada para ele, mas isso não diminuía seu entusiasmo. Enquanto cantava, batia nas costas de uma cadeira de barbeiro.

– Garoto! – Dat ouviu no meio de seu devaneio. – Quero comprar um bilhete.

Depois, o homem perguntou:

– Gosta de música?

Dat fez que sim.

– É do que mais gosto.

– Você pegou o ritmo dessa bateria

como um profissional – surpreendeu-se o homem. – Uma pena estar só batendo numa cadeira.

Ele contou a Dat e Dung que tinha sua banda de rock.

– Que tal experimentar uma bateria de verdade? – perguntou a Dat.

– Sim, senhor! – ele quase gritou. – Gostaria muito mesmo.

– Bom! – disse o homem. – Venha comigo.

O homem os levou a um sótão cheio de instrumentos musicais em sua casa. Guiou Dat à bateria e pôs uma vassourinha na mão dele. Dat nunca havia estado junto de uma bateria de verdade. Assim que encostou a vassourinha no instrumento, recuou, espantado ao sentir como o som ressoava.

O líder da banda deu uma baqueta a Dat.

– Agora bata – disse.

Quando Dat bateu, foi como se um estrondo de trovão lhe subisse pelo braço. O coração martelava no seu peito. Dat pegou a outra baqueta e escutou algumas instruções.

– Vá em frente – encorajou o homem.

Dat foi batendo, assombrado com os sons que retumbavam pela sala. Aquele ritmo o empolgava mais do que qualquer outra coisa na vida. Logo estava batendo loucamente nos pratos, na caixa e no bumbo.

Passou horas tocando. Só quando escureceu é que se deu conta de que poderia ter abusado do tempo dos outros. Mas quando se desculpou, o homem disse: “Abusou? Você estava só começando. Volte amanhã.”

Assim, ele voltou no dia seguinte e quase todos os dias depois disso. Dentro de alguns meses estava tocando com a banda de rock.

UM DIA, QUANDO DAT tinha seus 12 anos, outro freguês da loteria sugeriu que ele conhecesse o senhor Truong, um dos melhores professores de música clássica de Saigon.

– Ele gosta muito de formar jovens músicos – explicou o freguês. – E também é cego.

Rodeado de instrumentos musicais, Truong, homem imponente, com cabelos grisalhos esfiapados, escutou enquanto Dat tocava a bateria.

– Você tem talento – disse Truong, quando Dat terminou. – Vai ser meu aluno.

– O senhor sabe que não lhe posso pagar? – perguntou Dat.

Truong explicou que nunca aceitava dinheiro de um aluno cego. E mais: daria a Dat e à irmã a quantia necessária para viverem.

Nos meses seguintes, ele apresentou Dat ao piano e a vários instrumentos de corda, além de ensinar-lhe a ler braile. Enquanto os instrumentos ressoavam sob os dedos sensíveis do rapaz, o velho sorria como um pai orgulhoso.

Com o passar dos anos, Dat foi se tornando mais confiante como músico. Quando tinha seus 16 anos, ele e alguns dos outros alunos cegos de Truong formaram sua própria banda e começaram a tocar em festas.

Certa manhã de domingo em 1989, Dat, já com 18 anos, ligou o rádio de Truong sintonizando a hora clássica. O locutor falou sobre o programa daque-

la manhã, um concerto pelo violonista espanhol, Segovia.

Dat ficou intrigado. *Violão clássico?* Ele sempre associara o instrumento a canções de rock.

Aí, começou a gravação. Dat nunca ouvira nada tão bonito e complexo, que ora o embalava, ora o surpreendia. Num instante, viu que tinha de aprender a tocar violão assim. Demonstrou todo o seu entusiasmo diante do professor.

– Posso aprender a tocar violão clássico? – perguntou.

Truong deu uma risada.

– Claro – respondeu. – Vou ajudá-lo.

Dat comprou um violão usado e Truong encontrou um livro de música em sua biblioteca braile. Dat tocou durante horas seguidas; o violão liberava-o para se exprimir como nunca.

Então, um dia, uma garota meio americana, meio asiática, disse a Dat que ia aos Estados Unidos por um novo programa que levava crianças dessa origem à América do Norte.

– Por que você não se candidata? – perguntou ela.

Estados Unidos! Terra do pai que ele não conhecera. Dat entusiasmou-se. Foi aceito, mas o que fazer com Dung? O pai dela era vietnamita.

Passado algum tempo, as autoridades dos Estados Unidos concordaram em aceitar ambas as solicitações. Mas, primeiro, Dat e Dung teriam de passar algum tempo num campo de refugiados nas Filipinas, aprendendo sobre sua nova terra. Depois, um americano teria de concordar em patrociná-los.

DAT E DUNG foram levados de

avião às Filipinas, onde passaram seis meses num campo de refugiados em Bataan. Em julho de 1990, Than Vu chegou para ajudar os refugiados. Vu tinha fugido do Vietnã em 1975 e feito fortuna na Califórnia, onde possuía várias lojas, uma casa espaçosa e dois filhos. Quando conheceu Dung, que trabalhava no armazém-geral do campo, imediatamente se ofereceu para patrocinar os dois irmãos.

Em janeiro de 1991, Dat e Dung, que agora usava o nome de Diane, chegaram a seu novo lar, em Orange Country. Sempre tinham sonhado em fazer parte de uma família de verdade. Agora, afinal, realizavam o desejo.

Dat frequentou o Segundo Grau da escola Anaheim durante dois anos. Aprendia tão depressa que os professores o encorajaram a matricular-se na Escola Fullerton, da Universidade Estadual da Califórnia. E foi lá que conheceu David Grimes.

Grimes percebeu que pouco restava a fazer para o aperfeiçoamento de Dat, que tinha um ouvido extraordinário para a música. Dat conseguia tocar quase qualquer coisa, nota por nota, depois de ouvir a música uma vez.

Um dia, em outubro de 1994, Grimes disse a seus alunos que dispunha de algumas inscrições para o concurso da Associação de Professores de Instrumentos de Corda. Pegando um formulário, Dat sentiu-se ao mesmo tempo exultante e assustado. Já no segundo ano de Fullerton, ele vinha se exercitando até oito horas por dia, muitas vezes levantando-se antes do amanhecer para tocar, abafando seu violão com uma toalha para não per-

turbar os vizinhos. *Mas, pensou, será que sou bom mesmo?* O concurso lhe daria a resposta.

Terminada a aula, Grimes advertiu seus alunos quanto a serem confiantes demais. Haveria fortes concorrentes de outras boas escolas de música da Califórnia.

No dia do concurso, em novembro de 1994, Dat estava se exercitando numa sala pequena no porão de uma igreja na Universidade. Uma voz rompeu sua concentração:

– Você é o próximo, Dat.

Subindo a escada, ouvia os arpejos cadenciados do violão de um concorrente. *Por que me fui meter nisso?*, pensou Dat. Diane estava à sua espera nos bastidores e ajudou a acalmá-lo, enquanto ele ouvia o final da execução quase perfeita de outro concorrente.

Dat entrou no palco, sentou-se e depois tocou as primeiras notas de “Nocturno”, de Federico Moreno Torroba. A acústica da capela era notável, mas havia um ligeiro eco. Ele logo compensou isso tocando mais devagar.

O instrumento recompensou-o com tons tão lindos que ele não se preocupou mais com os juízes. Sozinho com sua música, ele extraía sons tão ligados à sua alma que parecia não haver uma separação entre o homem e o violão.

Quando acabou de tocar, a platéia aplaudiu entusiasticamente. Parecia que seu coração ia estourar. *Esse, pen-*

sou, é o único prêmio de que preciso.

Três outros violonistas tocaram depois dele, mas o resto do concurso pareceu uma névoa. Os juízes logo anunciariam os nomes dos vencedores.

Assim que todos tocaram, os juízes fizeram os violonistas formarem uma fila no palco. *Eu fui bem, pensou Dat, mas outros foram melhor.*

Foram anunciados os primeiros nomes, e os violonistas foram buscar seus certificados. Mais nomes foram chamados, até que só restavam três nomes. De repente, Dat se deu conta de que o seguinte seria o detentor do terceiro prêmio. Ele ficou atento, mas não reconheceu o nome. Depois, o ganhador do segundo prêmio. Não era ele.

Por que não o tinham chamado? Então ele percebeu o que acontecera.

– O vencedor é Dat Nguyen.

Ele atravessou o palco para receber seu prêmio, sentindo-se grato para com os que o tinham ajudado a chegar àquele momento – e à própria música.

No Vietnã, a música lhe dera forças para sobreviver. Nos Estados Unidos, ela lhe trouxera uma aceitação que ele poderia nunca ter conhecido.

Naquele momento, parecia que era um rapaz de muita sorte.

Dat, hoje, já completando seu curso na escola Fullerton, tem escrito canções a fim de levantar fundos para os refugiados vietnamitas nas Filipinas.



Mostre-me uma mulher que quer ser magra apenas por razões de saúde e eu lhe mostro um homem que lê Playboy apenas pelas entrevistas.